

**Universidade de Brasília (UnB)**



**A questão dos contemporâneos:  
serão eles os clássicos do futuro?**

Brasília  
2022

João Carlos Mágero Viana

# **A questão dos contemporâneos: serão eles os clássicos do futuro?**

ARTIGO apresentado ao curso de Letras  
Portuguesa e sua Respetiva Literatura como  
requisito para conclusão de curso.

Orientador: Robson Coelho Tinoco

Brasília  
2022

## **A questão dos contemporâneos: serão eles os clássicos do futuro?**

*João Carlos M. Viana - Universidade de Brasília (UnB)*  
*Orientador: Robson Coelho Tinoco*

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo responder o questionamento, acerca do futuro dos livros contemporâneos, se acaso estes um dia serão tidos como clássicos. Para tanto, abordará os diferentes conceitos de literatura e de obra clássica, bem como diferentes visões da definição do ser "contemporâneo".

**Palavras-chave:** Literatura. Clássico. Contemporâneo.

**ABSTRACT:** This article aims to answer the question about the future of contemporary books, whether these will one day be considered classics. In

order to do so, it will address the different concepts of literature and classic work, as well as different views of the definition of the "contemporary" being.

**Palavras-chave:** Literature. Classic. Contemporary.

## **Introdução**

De antemão, antes de adentrar no cerne da questão e debater o tema do presente artigo, sobre as obras clássicas e contemporâneas, é necessário entender primeiramente o que é literatura.

Diversos autores, ao longo dos anos, a definiram das mais diversas formas. CANDIDO (2000), afirma que:

A literatura é pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. São dois termos que atuam um sobre o outro, e aos quais se junta o autor, termo inicial desse processo de circulação literária, para configurar a realidade da literatura atuando no tempo (CANDIDO, 2000, p. 68)

SUTHERLAND (2017), na introdução de sua obra *Uma breve história da literatura*, traz a seguinte definição:

Em seu nível básico, é uma coleção de combinações únicas de 26 pequenas marcas pretas numa superfície branca – “letras”, em outras palavras, já que a palavra “literatura” significa coisas feitas de letras. Essas combinações são mais mágicas do que qualquer prodígio tirado da cartola de um prestidigitador. Mas uma resposta melhor seria que a literatura é a mente humana no auge de seu talento para expressar e interpretar o mundo ao nosso redor. A literatura, em sua melhor forma, não simplifica, mas expande nossas mentes e sensibilidades numa medida pela qual podemos lidar melhor com a complexidade – mesmo que, como acontece muitas vezes, não concordemos inteiramente com

aquilo que estamos lendo. (SUTHERLAND, 2017, versão digital).

Já BLOOM (1994) define literatura da seguinte maneira:

Literatura não é simplesmente linguagem; é também vontade de figuração, [...] isso significa em parte ser diferente de si mesmo, mas basicamente, creio, ser diferente das metáforas e imagens das obras contingentes que são nossa herança: o desejo de escrever grandiosamente é o desejo de estar em outra parte, num tempo e lugar nossos, numa originalidade que deve combinar-se com a herança, com a ansiedade da influência (BLOOM, 1994, p. 24,).

Em seu artigo, OLIVEIRA (2006) apresenta diversas definições de literatura que recolheu de entrevistas a docentes da área. Dentre elas estão:

(SA1) "A literatura é o conjunto de todas as obras de todas as espécies de pensamento que mantêm registro por escrito. Assim, um livro, uma revista, um caderno de músicas se enquadram como obras literárias. Não importa se o livro é técnico ou se é de poesias: sendo um livro, ele faz parte do acervo literário de um povo; não importa se a revista é um mero gibi ou se é uma publicação semanal de atividades, pois também faz parte do acervo literário de um povo."

(SA6) "A literatura são textos escritos e até mesmo orais que são usados para divulgar acontecimentos, pensamento, isso tudo pode vir acrescentado de muito sentimento. A reorganização do mundo também é feita através da arte, se não podemos captar o mundo em sua totalidade, usaremos um fragmento desse mundo, mas é necessário que haja a essência. Percebemos que a literatura trabalha mais com a verossimilhança pois fica mais fácil analisar poucos fatos, representa, assim, as coisas como ela deveria ser e não como realmente são, tornando a compreensão maior. [...]"

(SA9) "Literatura abrange todos os tipos de obras que expressam a identidade cultural de seus respectivos povos."

(SA10) "Literatura é o estudo de obras literárias, onde cada autor cria seu mundo da maneira que considera ideal para se viver [...]" (OLIVEIRA, 2006).

Em uma definição mais técnica, e menos romantizada, temos o conceito do DICIONÁRIO MICHAELIS ON-LINE: "arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com determinados princípios teóricos ou práticos".

Decerto, definir literatura é um trabalho árduo, dada a dificuldade, ou até mesmo impossibilidade, de precisar sua origem. Alguns historiadores, responsáveis por estudar e entender a evolução das sociedades ao longo dos anos, chamam as primeiras aparições da literatura de *mito* (SUTHERLAND, 2017).

O mito é o que pode-se chamar de *literatura falada* (SUTHERLAND, 2017). Não há registros deste tipo de literatura, até que alguém em determinado ponto da história, tenha decidido registrar aquilo que era passado oralmente - a exemplo de Sócrates, que não deixou registros de seus pensamentos e que apenas chegaram ao conhecimento da sociedade atual graças a um de seus pupilos, Platão, que decidiu registrar os ensinamentos de seu mestre (eBIOGRAFIA).

ARMSTRONG (2005) e SUTHERLAND (2017) relatam em suas obras que os seres humanos são criadores natos de mitos e que este talento é inerente ao de se entender e se enxergar como ser humano. E uma vez que entende-se o mito como literatura falada, pode-se inferir que o ser humano é dotado de uma capacidade de produzir literatura.

Esta capacidade, a de produzir literatura, fez com que, com o passar dos anos, fossem criadas inúmeras obras literárias. Este número, impossível de se precisar, aumentava, e aumenta, conforme a sociedade se desenvolvia e se desenvolve.

Dentro desta quantidade inimaginável de obras publicadas, passou-se a entender determinados livros como *clássicos*.

ELIOT (1945) diz que os clássicos não surgem espontaneamente. Dentro do contexto de uma civilização, os clássicos surgem apenas quando esta encontra-se madura com sua língua e com sua história.

Um Clássico só pode aparecer quando uma civilização estiver madura, quando uma língua e uma literatura estiverem maduras; e deve constituir a obra de uma mente madura. É a importância dessa civilização e dessa língua, bem como a abrangência da mente do poeta individual, que proporcionam a universalidade (ELIOT, 1945, p. 78).

### **Livros clássicos**

Assim como o termo *literatura* traz em sua concepção um número ímpar de definições, o termo *clássico* quando aplicado a obras literárias também aceita diversos conceitos.

A primeira definição que se tem é aquela presente nos dicionários - "que tem como referência a tradição de Antiguidade greco-latina" (DICIONÁRIO MICHAELIS ONLINE) - definição que se complementa com aquela ensinada nas escolas, nas aulas de literatura, de que o *clássico* provém de tempos anteriores ao vivido por uma determinada sociedade - a exemplo do período conhecido como *Classicismo*, ou *Renascença*, onde os autores e artistas romperam com as mudanças na arte impostas pelo período em que se encontravam e passaram a imitar, ou replicar, as tradições artísticas da Antiguidade.

O resgate da tradição artística da Antiguidade clássica greco-latina por parte da arte italiana, entre a segunda metade do século VI e início do XVI, fez com que a arte desse período fosse também chamada de clássica (OLIVEIRA, 2012, p. 121).

Associado ao Renascimento, o Classicismo revela em seu nome a principal característica de seu projeto literário: a retomada de modelos da Antigüidade (sic) clássica. (ABAURRE, PONTARA, 2005, p. 123).

Por assim ser ensinado nas escolas, boa maior parte da sociedade enxerga um livro clássico como um livro antigo, de tempos passados. Este pré-conceito é real e permeia a sociedade em todos seus níveis. DIRDA (2010), em seu livro *O prazer de ler os clássicos*, descreve de maneira clara, a visão de muitos leitores acerca de uma obra clássica; como sendo uma obra complicada e que necessita de esforço e dedicação para ser lida.

O prazer de ler os clássicos? Para alguns leitores, isso pode parecer um paradoxo. Afinal, os clássicos não costumam ser difíceis, herméticos e até mesmo um pouco enfadonhos? Claro, os professores e os críticos literários dizem que eles fazem bem, mas o mesmo poderia dizer do leite de magnésia e do óleo de fígado de bacalhau. Realmente, depois de um dia de trabalho estressante, quem vai querer sentar para ter mais... trabalho? Um *thriller* rápido, um romance excitante... parecem mais adequados (DIRDA, 2010, p. 1).<sup>1</sup>

AZEVEDO (2012) também associa, agora na visão dos alunos em idade escolar, os clássicos a uma leitura difícil e não prazerosa:

Esse tipo de leitura, pelo menos para boa parte dos alunos, acaba não sendo prazerosa devido à dificuldade na compreensão da linguagem presente nas obras, pois preferem ler textos considerados não literários, ao texto literário, em favor de uma linguagem mais acessível, mais próxima de suas realidades. (AZEVEDO, 2012, p. 11).

RODRIGUES (2016), vai além, ao trazer também a visão de professores, que em muito se assemelha ao de seus alunos:

O conceito da maioria dos professores entrevistados sobre o clássico é que são obras “antigas”, compostas por uma linguagem muito rebuscada, que não condiz com a nossa realidade (RODRIGUES, 2016, p. 72).

---

<sup>1</sup> Grifos do próprio autor.

Até mesmo escritores famosos possuem a visão de que uma obra clássica é aquela que obra difícil e que muitos não a querem ler. A exemplo o escritor Mark Twain, autor de diversas obras - muitas das quais, ironicamente, são consideradas como clássicas - definiu clássico como "aquilo que todos gostariam de ter lido, mas ninguém quer ler" (TWIN, apud GLEESON-WHITE, 2010).

O entendimento então, de que obras clássicas são obras antigas, de outra época e que requerem esforço e dedicação a fim de serem lidas, já está enraizado e consolidado pela sociedade como um todo. Este entendimento, dificilmente, será alterado ou modificado e continuará a ser difundido.

### **Tornando-se um clássico**

Uma vez entendido que *clássicos*, no sentido mais geral e amplo do termo, são obras de períodos posteriores nos quais o leitor se encontra no momento, e de difícil leitura, surge um novo questionamento: todas as obras antigas são clássicas?

A pesquisa realizada neste artigo, aponta para uma negativa. Até de forma empírica, é possível notar que não são todas as obras que, sobrevivendo ao seu tempo de criação e, chegando em mãos de uma nova sociedade a frente de seu tempo, são consideradas *clássicas*.

Alguns autores, como GLEESON-WHITE (2009) afirmam que, para que seja considerada um clássico, a obra deve influenciar as demais obras que possam surgir após sua publicação. Elas devem ser consideradas exemplo de língua, de forma, de estilística a fim de que, ao se ler novas obras, seja possível referenciar a obra que, previamente, inspirou seu autor. Além de, dentre todas estas características, devem também servir de registro de histórico do cotidiano de sua época.

(...) os demais agora considerados clássicos são valiosos por sua percepção da alma humana; pela sabedoria e humor; pelo valor que têm como registros da vida social, política e econômica da época; e pelo extraordinário domínio da língua - tão extraordinário que, na verdade, cada livro serve como

um acervo de qualidade literária, estilo, ritmo, vocabulário e inventividade de expressão (GLEESON-WHITE, 2009, p. 15).

Essa visão é compartilhada por outros autores, como é possível notar na definição trazida pelo Dicionário da Língua Espanhola, para o termo clássico: "clássico, clássica, diz-se do autor ou da obra que se tem por modelo digno de imitação em qualquer literatura ou arte" (DICIONÁRIO DA LÍNGUA ESPANHOLA, apud BARBOSA, 2012).

Já para outros autores, como BARBOSA (2012), a fim de um livro seja considerado uma obra clássica, se faz necessário que alguns pré-requisitos sejam atendidos.

Os requisitos básicos a que um autor ou uma obra que faça jus ao título 'clássico' devem preencher são três:

1. Deve tratar de ideias gerais, pois somente assim a obra conseguirá conquistar a atenção e os aplausos da maioria dos contemporâneos e dos homens do futuro.
2. Deve a obra esmerar-se na obsevância (*sic*) dos ditames da razão, ou seja, deve ser perpassada pelo bom senso e bom gosto no apuro constante da forma.
3. Deve ter certa antiguidade, já que sendo muito recente, paixões, ambições, interesses particulares podem tolher a serenidade do julgamento e a avaliação imparcial (BARBOSA, 2012).

Porém, ao se ler as definições propostas por diversos autores, percebe-se que, embora semelhantes em diversos aspectos, elas possuem características próprias de cada autor. Ou seja, não são métricas fixas e de fácil aplicação a cada nova obra averiguada. Há uma forte influência da visão particular que cada indivíduo possui acerca de uma determinada obra.

Desta forma, DIRDA (2010) traz a definição de obra clássica que melhor descreve e se encaixa na abordagem do presente artigo; aquela que entende que esta definição é pessoal e particular de cada indivíduo.

Os clássicos são clássicos não por serem educativos, mas porque **as pessoas consideraram**<sup>2</sup> que mereciam ser lidos, geração após geração, século após século (DIRDA, 2010, p.1)

Essa abordagem de DIRDA (2010), permite que definições como de HOVDE (*apud* GLEESON-WHITE, 2009) - de que a obra clássico é aquela obra que pondera, mesmo com o passar dos anos, acerca das inquietações do leitor daquela obra - sejam aceitas e tidas como verdades, mesmo que muito distantes das diretrizes propostas por outros autores.

Como sempre acontece com as maiores obras, o romance possui tantos aspectos que **reflete ao longo do tempo as inconstantes preocupações daqueles que o leem**<sup>3</sup>, e essa é a definição de clássico (HOVDE *apud* GLEESON-WHITE, 2009).

Da mesma forma, as definições propostas por CALVINO (1993), em seu livro *Por que ler os clássicos*, que trazem pontos particulares do autor, acerca do que torna uma obra comum em uma obra clássica.

1. Os clássicos são aqueles livros dos quais, em geral, se ouve dizer: "Estou relendo..." e nunca "Estou lendo..." (...)
  4. Toda releitura de um clássico é uma leitura de descobertas como a primeira.
  6. Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer. (...)
  8. Um clássico é uma obra que provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe.
- (CALVINO, 1993, p. 9-11-12).

A abordagem proposta por DIRDA (2010) fica melhor exemplificada quando livros, que trazem em sua constituição listas daquelas obras tidas como clássicas, são analisados. Algumas listas se repetem; elas, em sua

---

<sup>2</sup> Grifos adicionados.

<sup>3</sup> Grifos adicionados.

maioria, trazem: a Ilíada, a Odisséia, Dom Quixote. Mas algumas obras não estão presentes em todas estas listas, e muitas aparecem em raras exceções - *A casa soturna* de Charles Dickens encontra-se na lista que constitui o livro de GLEESON-WHITE (2009), *50 clássicos que não podem faltar na sua biblioteca*, mas não encontra-se na lista de GODOY (2021), *100 clássicos da literatura mundial*, que preferiu sinalizar a obra *Grandes expectativas* também de Charles Dickens. Já outras listras trarão deste autor: *Um conto de natal*, ou talvez *Oliver Twist*, ou até mesmo *David Copperfield*.

GLEESON-WHITE (2009) demonstra em sua argumentação que valeu-se de suas opiniões particulares e metrificações próprias ao criar sua lista de 50 clássicos imprescindíveis na biblioteca de seus leitores.

Entre o vasto número de possíveis clássicos, **escolhi** aqueles com os quais mais **me identifico**, por um motivo ou outro - personagens, enredo, linguagem, sabedoria, humor -, ou que **permaneceram em mim, me incomodando de alguma forma** (...)

Ao elaborar minha lista, também **senti a necessidade de incluir** obras oriundas de diversos países, **mas excluí** (sic) **as grandes tradições literárias da Ásia e do Oriente Médio, sobre as quais conheço muito pouco. A escolha das obras foi a parte mais desafiadora do trabalho.** Havia alguns romances que **eu sentia que tinham de ser incluídos** (...) então **quis incluir alguns livros inesperados de autores universalmente considerados clássicos.**

Entre o vasto número de possíveis clássicos, **escolhi aqueles com os quais mais me identifico**, por um motivo ou outro (...) <sup>4</sup> (GLEEN-WHITE, 2009, p. 17-18).

Da mesma forma agiu DIRDA (2010) ao selecionar os livros que fariam parte de sua obra.

Em *O prazer de ler os clássicos*, incentivo o leitor a experimentar alguns dos melhores livros do passado remoto

---

<sup>4</sup> Grifos adicionados.

e recente. (...) Deixe-me explicar **como foi que escolhi os livros** de *O prazer de ler os clássicos*. (...) *O prazer de ler os clássicos ignora de propósito* grande parte dos autores discutidos nessa edição revista de Fadiman-Major(1997). (...) **Pareceu-me** mais útil - e divertido - indicar clássicos menos óbvios e autores menos conhecidos aos meus leitores<sup>5</sup> (DIRDA, 2010, p. 2-3).

CALVINO (1991), em seu livro, também afirma a existência da particularidade na escolha dos clássicos por um indivíduo:

9. Os clássicos são livros que, quanto mais pensamentos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos. Naturalmente isso ocorre quando um clássico "funciona" como tal, isto é, estabelece uma **relação pessoal com quem o lê**. (...) você poderá depois reconhecer os "**seus**" **clássicos**.

Esses parâmetros pessoais, próprios, comprovam que, ao considerar uma obra clássica, o indivíduo que a analisa e a classifica, carrega em si, elementos pré-definidos do que, em sua própria visão, faz uma obra ser clássica ou não. Considerar uma obra clássica parte do valor particular ao qual cada indivíduo emprega em determinada obra, como diz CALVINO (1991):

2. **Dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza própria para quem os tenha lido e amado**<sup>6</sup>; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de tê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los. (CALVINO, 1991, p. 10).

RODRIGUES (2016) também cita a particularidade dos indivíduos na classificação de uma obra como clássica.

---

<sup>5</sup> Grifos adicionados.

<sup>6</sup> Grifos adicionados.

Percebemos que algumas obras, eleitas como clássicas, chegaram a esse reconhecimento graças a muitos leitores, escritores, críticos, jornalistas, professores e até mesmo diletantes, cujas leituras as mantiveram - e as mantêm - vivas. Dentre essas obras e autores existem algumas unanimidades (...) Essas listas de obras desenvolvidas por esses especialistas, que são também leitores, definem a formação do cânone literário universal (RODRIGUES, 2016, p. 72).

Ainda neste tocante, temos LAJOLO (2001), com sua afirmação de que, em seu próprio tempo, os escritos de Shakespeare eram tidas como obras literárias, em dissonância com dados atuais que consideram suas obras como clássicas da literatura inglesa e mundial, dada sua importância e influência, tanto na língua inglesa, como em diversas outras obras que a sucederam.

Saiba, por exemplo, que um professor de literatura inglesa contemporâneo de Shakespeare (1564-1616) ficaria espantado se lhe dissessem que Shakespeare era literatura. – Impossible! Never! Aquele sujeitinho que escreve peças cheias de bêbados e desordeiros, e que é aplaudido por plateias fedidas e barulhentas? Alguém hoje duvida que Shakespeare seja literatura com ele maiúsculo e tudo? Aprenda então o vivíssimo leitor que ser ou não ser literatura é assunto que se altera ao longo do tempo e desperta paixões! (LAJOLO, 2001, p. 13).

Dessa maneira, distanciando-se das obrigatoriedades propostas por alguns autores, percebe-se que a fim de classificar uma obra como clássica, o indivíduo, além de considerar sua data de criação, vale-se de elementos inatos que servem-no como apoio em sua classificação. Dentre eles estão: visão de mundo, opiniões próprias, sentimentos particulares e valores que a obra lhe concede.

Este distanciamento se faz necessário, pois há o entendimento de que os parâmetros fixados por alguns críticos ou estudiosos acerca da classificação de uma obra como clássica ou não-clássica é mutável através das gerações, como afirma EAGLETON (2006, *apud* RODRIGUES, 2016):

Até as razões que determinam a formação do critério de valioso podem se modificar. Isso, como disse, não significa necessariamente que venha a ser recusado o título de literatura a uma obra considerada menor: ela ainda pode ser chamada assim, no sentido de pertencer ao tipo de escrita geralmente considerada como de valor. Mas não significa que o chamado "cânone literário", a "grande tradição" inquestionada da "literatura nacional", tenha de ser reconhecida como um constrto, modelado por determinadas pessoas, por motivos particulares, e num determinado momento (EAGLETON, 2006, *apud* RODRIGUES, 2016, p. 71)

### **Período contemporâneo**

Sobre este tópico, faz-se necessário a distinção existente entre contemporaneidade para a história e contemporaneidade para a literatura.

Para a primeira, o período contemporâneo, ou idade contemporânea, engloba tudo aquilo que ocorreu no mundo desde a Revolução Industrial (1789) até os dias de hoje. Essa divisão histórica ocorre, porque foram historiadores europeus que a criaram, levando em consideração que este movimento influenciou, através de seus ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, toda a vida humana, não só na Europa como em outros continentes.

Idade Contemporânea é uma divisão cronológica da História, compreendendo o período entre o início da Revolução Francesa, com a queda da Bastilha em 14 julho de 1789, até os dias atuais (...)

Essa é mais uma das divisões cronológicas da História baseadas nos acontecimentos ocorridos em solo europeu (...)

O principal motivo é mesmo o fato de terem sido os historiadores europeus a realizarem a divisão cronológica do que eles consideravam a História da Humanidade. Porém, a Revolução Francesa representou transformações profundas

na sociedade europeia da época e teve consequências em outros continentes, como a influência nos processos de independência das colônias da América espanhola, portuguesa e francesa. Com os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, a burguesia francesa e outros setores populares da sociedade conseguiram derrubar o poder político da aristocracia proprietária de terras, que havia consolidado seu poder durante a Idade Média (PINTO).

Já para os estudos literários, o Período Contemporâneo é aquele que abrange todo o intervalo de tempo desde o desfecho da Segunda Guerra Mundial, até os dias atuais. Esse período de tempo abrange parte do século XX e todo o século XXI, sendo o período literário seguinte ao Pós-Modernismo.

A literatura contemporânea ou movimento contemporâneo inclui todos os eventos literários que ocorreram desde o posmodernidad (sic). É definido por um período, mas também por seu estilo muito particular. A maioria dos acadêmicos chama toda a produção literária de literatura contemporânea após a Segunda Guerra Mundial, na década de 1940. Este período se estende até o presente. A literatura contemporânea é caracterizada por fragmentação, narradores não confiáveis, pastiche (imitação de estilos e autores), mudança de narrativa, apresentação não linear e brincadeira e incerteza na linguagem (MAESTROVIRTUALE).

Dito isto, por se tratar de uma pesquisa com abordagem literária, o presente artigo acatará o entendimento de Período Contemporâneo na visão dos estudos literários, ou seja, para este artigo, considera-se Contemporâneo, toda aquela obra publicada desde o encerramento da Segunda Guerra Mundial em diante.

### **Futuro das obras contemporâneas**

Após a definição de literatura, obras clássicas e período contemporâneo, tem-se em mãos recursos suficientes para, enfim, responder o questionamento desta arguição: obras contemporâneas serão os clássicos do futuro? Ou em outras palavras, as obras produzidas atualmente serão um dia consideradas clássicas? O presente artigo entende que sim.

Utilizando-se da afirmação de RODRIGUES (2016) - de que existem diversos tipos de clássicos; clássicos da Antiguidade, clássicos modernos (ou contemporâneos), clássicos universais, clássicos nacionais, entre outros - percebe-se que esta afirmação é plausível.

*(os clássicos)* servem para que possamos estabelecer um percurso da literatura através dos tempos. Assim, podemos contar com clássicos da Antiguidade, como *Odisseia* e *Ilíada* de Homero; clássicos modernos como *O memorial do convento* de José Saramago; clássicos universais, como *Eneida* de Virgílio e *A Metamorfose* de Franz Kafka; clássicos nacionais, como *Macunaíma* de Mário de Andrade, *Dom Casmurro* de Machado de Assis, etc (RODRIGUES, 2016, p. 72).

CALVINO (1991) também afirma a existência de mais de uma categoria de clássicos, aqui, evidenciando a possível escolha de um livro contemporâneo como clássico:

7. Os clássicos são aqueles livros que chegam até nós trazendo consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes). (...) Isso vale tanto para os **clássicos antigos** quanto para os **modernos**<sup>7</sup> (CALVINO, 1991, p. 11)

---

<sup>7</sup> Grifos adicionados.

GLEESON-WHITE (2009) afirma que muitas das obras que são consideradas clássicas foram, em seu tempo, ou seja, em seu próprio período contemporâneo, as obras mais vendidas, os chamados *best-sellers*.

Essas obras são importantes porque estão entre as melhores já publicadas, seja na nossa época ou na delas - e vale lembrar que muitos desses romances foram *best-sellers* na época, principalmente aqueles publicados antes do século XX, ou seja antes dos avanços tecnológicos que tornaram viável a impressão de pequenas quantidades de livros para mercados especializados (GLEESON-WHITE, 2009, p. 16)

A grande varejista americana, AMAZON, lança anualmente a lista daqueles que foram os livros mais vendidos em seu *website* naquele ano. No ano de 1999, os três primeiros livros desta lista foram: *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (3), *Harry Potter and the Chamber of Secrets* e *Harry Potter and the Sorcerer's Stone* (1) (AMAZON, 1999).

Analisando esta lista, valendo-se da informação de GLEESON-WHITE (2009) - de que os clássicos, muitas das vezes, foram as obras mais vendidas do seu tempo - e adicionando a ela o conceito de clássico trazido por RODRIGUES (2016, p. 71) - de que clássico é obra que "tenha se destacado por muitas gerações" e que estas obras " foram lidas e apreciadas por inúmeros leitores, permanecendo vivas através dos tempos" - percebe-se que inferir que um livro da série *Harry Potter*, obra contemporânea, tem totais condições de se tornar um clássico com o passar dos anos, bem como tem também alguma outra obra lançada em qualquer período.

No mais, tem-se o posicionamento de LIGNANI (2007) e da revista online HISTORY CHANNEL BRASIL (2007) - sobre a importância dos livros da série *Harry Potter* - e o questionamento de ANDRADE (2016) - acerca das obras contemporâneas e o preconceito que sofrem.

Acredito que não se possa simplesmente desprezar *Harry Potter* que, no mínimo, está provocando uma transformação no âmbito da leitura (LIGNANI, 2007, p. 31)

Os livros, que narram as aventuras de Harry contra o seu inimigo, o malvado Lord Voldemort, já venderam mais de 400 milhões de cópias e foram traduzidos para mais de 60 idiomas. A série de livros, acredita-se, também serviu de impulso para a alfabetização infantil em todo o mundo (HISTORY CHANNEL BRASIL, 2007).

Será que obras que causam tanto estímulo nos jovens para a leitura, como os casos de *Harry Potter* (2000) de J. K. Rowling, *Percy Jackson* (2008) de Rick Riordan, *Crepúsculo* (2008) de Stephenie Meyer e *A Culpa é das Estrelas* (2013) de John Green, são realmente ruins? Será que depois de tantos anos, presos e uma linguagem tradicional que não tem mostrado avanço, não seria o momento de tentar ter uma visão mais aberta (...) ? (ANDRADE, 2016, p. 10).

Ainda nesta toada, tem-se outro posicionamento de RODRIGUES (2016), acerca da classificação de uma obra como clássica ou não, através dos anos.

Portanto, o que é considerado clássico hoje pode deixar de sê-lo, como também pode acontecer de uma **obra que hoje não é considerada clássica vir a sê-lo no futuro**<sup>8</sup> (RODRIGUES, 2016, p. 71)

Percebe-se, portanto, ser plausível o entendimento de que uma obra contemporânea tenha reais condições de ser considerada clássica por aqueles que acreditam no engessamento dos pré-requisitos que classificam uma obra como clássica, pois podem cumprir todos os parâmetros estabelecidos por eles (ano de publicação, linguagem rebuscada, registro de usos e costumes, etc), bem como também podem vir a ser consideradas clássicas por aqueles que as categorizam de acordo com padrões próprios e particulares.

## Considerações Finais

---

<sup>8</sup> Grifo adicionado.

Após a realização de exaustiva pesquisa bibliográfica que compõem as referências base do presente artigo conclui-se que:

O termo *literatura*, por toda sua abrangência, torna-se difícil de ser definido. Diversas definições são a ele empregadas, porém, entende-se, doravante, que a que melhor se enquadra é a de que literatura é tudo aquilo produzido pelo ser humano e registrado através de palavras, nas mais diversas formas de escrita: prosa, poesia, teatro, etc.

Ainda no tocante de definições, entende-se que obras clássicas são todas aquelas obras que em tempos passados, ou no seu próprio tempo, constituem em obras de valor a quem as lê, seja este valor individual ou coletivo. Também entende-se que, a fim de classificar uma obra como clássica, o indivíduo pode-se valer de parâmetros pré-estabelecidos por outrem, ou utilizar de conceitos próprios, moldados por seus sentimentos e visões particulares da obra em questão.

Dessa forma, a presente disposição compreende que obras contemporâneas, ou seja, todas aquelas obras produzidas desde o encerramento da Segunda Guerra Mundial (1945) até o presente momento (de encerramento do artigo, quanto de leitura deste por qualquer leitor doravante), tem a capacidade de serem apontadas como obras clássicas, uma vez que o termo *obra clássica* abraça diversas definições, dentre as quais estão os clássicos modernos, ou também clássicos contemporâneos.

## Referências

ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. Literatura Brasileira: tempos, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2005.

AMAZON. "**Best Sellers of 1999**". Amazon. Disponível em: <<https://www.amazon.com/gp/bestsellers/1999/books>>. Acesso em 22 de agosto de 2022.

ANDRADE, Emerson David de Lima. **Preconceito literário**: a recepção dos livros best-sellers e clássicos para os novos leitores. Monografia (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal da Paraíba. Paraíba, João Pessoa, 2016.

ARMSTRONG, Karen. **Breve história do mito**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

AZEVEDO, Priscilla Bezerra de. **Literatura marginal, uma questão à la Coimbrã**. Monografia (Licenciatura em Letras) - Faculdade de Ciências de Educação do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Brasília, 2012.

BARBOSA, Paulo. **Obra clássica: o que é?**. Tópicos de latinidade, 2012. Disponível em: <<https://topicosdelatinidade.blogspot.com/2012/06/obra-classica-o-que-e.html>>. Acesso em 31 de julho de 2022.

BLOOM, Harold. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1994.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

CANDIDO, Antonio. **O escritor e o público**: Literatura e Sociedade. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz/Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).

**CLÁSSICO**. In: MICHAELIS ONLINE, Dicionário Online de Português. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

DIRDA, Michael. **O prazer de ler os clássicos**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ELIOT, Thomas Stearns, "**O que é um clássico?**" In: Prosa: selecionados de TS Eliot. New York: Houghton Mifflin Harcourt / Farrar, Straus, Giroux.

GLEESON-WHITE, Jane. **50 clássicos que não podem faltar na sua biblioteca**. Campinas, SP: Verus editora, 2009.

GODOY, Gilberto. **100 clássicos da literatura mundial**. *Blog Gilberto Godoy: psicologia, saúde e cultura*, 2021. Disponível em: <<https://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/100-classicos-da-literatura-mundial>>. Acesso em: 31/07/2022.

HISTORY CHANNEL BRASIL. "**Lançado o sétimo e último livro da saga Harry Potter**". History Channel Brasil. Brasil, 2007. Disponível em: <<https://history.uol.com.br/hoje-na-historia/lancado-o-setimo-e-ultimo-livro-da-saga-harry-potter>>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo - SP. Editora Moderna, 2001.

LIGNANI, Ângela - **J. K. Rowling Diálogo Literário e Cultural Com Monteiro Lobato e Isabel Allende**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

**LITERATURA**. In: MICHAELIS ONLINE, Dicionário Online de Português. Brasília, 2020. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 27/07/2022.

MAESTROVIRTUALE. "**Literatura Contemporânea: Origem, Características, Gêneros**"; Maestrovirtuale. Disponível em: <<https://maestrovirtuale.com/literatura-contemporanea-origem-caracteristicas-generos/>>. Acesso em 21 de agosto de 2022.

PINTO, Tales dos Santos. "**O que é Idade Contemporânea?**"; Brasil Escola. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/historia/o-que-e-idade-contemporanea.htm>>. Acesso em 21 de agosto de 2022.

RODRIGUES, Marinês Paloschi. **Uma discussão sobre o conceito de clássico**. Monografia. Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Mato Grosso, 2016.

**SÓCRATES**. In: eBiografia. Brasília, 2020. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/socrates/#:~:text=S%C3%B3crates%20\(470%2D399%20a.C.\),ess%C3%Aancia%20de%20todo%20seu%20ensinamento.>](https://www.ebiografia.com/socrates/#:~:text=S%C3%B3crates%20(470%2D399%20a.C.),ess%C3%Aancia%20de%20todo%20seu%20ensinamento.>)>. Acesso em: 27/07/2022.

SUTHERLAND, John . **A história da literatura**. São Paulo: L&PM, 2017.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Literatura em contexto: a arte literária luso-brasileira**. São Paulo: FTD, 2012.

OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. **Concepções sobre literatura, cânone, texto literário e ensino: um confronto entre os discursos docente e discente**. Londrina (Paraná): UENP-Faficop, 2006.